

Em certas cidades da província há casas cuja vista inspira uma melancolia semelhante à dos claustros mais sombrios, das charnecas mais descoloridas ou das ruínas mais tristes. Talvez haja nelas, a um tempo, o silêncio do claustro, a aridez das charnecas e os esqueletos das ruínas: nessas casas, a vida e o movimento são tão tranquilos que um forasteiro julgá-las-ia inabitadas se não descobrisse, subitamente, o olhar pálido e frio de uma pessoa imóvel, de figura semi-monástica debruçada no parapeito da janela, ao ouvir o ruído de um passo desconhecido. Estes preceitos de melancolia estão presentes na fisionomia de uma casa em Saumur, no extremo de uma rua acidentada que leva ao castelo pela parte alta da cidade. Essa rua, agora pouco frequentada, quente no verão, fria no inverno, escura em certos locais, é notável pela sonoridade do seu pequeno pavimento pedregoso, sempre limpo e seco, pela estreiteza da sua via tortuosa, pela paz das suas casas, que pertencem à velha cidade e dominam as muralhas. Habitações três vezes centenárias, ainda sólidas apesar de construídas em madeira, a diversidade das suas feições contribui para a originalidade que recomenda essa parte de Saumur à atenção de antiquários e artistas. É difícil passar diante delas sem admirar os enormes tabuões de pontas talhadas em figuras bizarras e que, na sua maioria, coroam o rés do chão com um baixo-relevo negro. Aí, traves de madeira transversais estão cobertas por ardósias e desenham linhas azuladas sobre as paredes frágeis de uma casa rematada por um telhado em taipa vergado pelos anos, cujas ripas apodrecidas foram torcidas pela ação alternada da chuva e do sol.

Aí se encontram balaustradas de janela usadas, enegrecidas, cujas esculturas delicadas mal se distinguem, parecendo demasiado leves para o vaso de barro castanho-avermelhado onde crescem cravos ou roseiras de uma trabalhadora pobre. Mais longe, encontram-se portas apetrechadas de pregos enormes, onde o génio dos nossos antepassados traçou hieróglifos domésticos cujo sentido nunca mais voltaremos a descobrir. Aí, um protestante inscreveu a sua crença, o membro de uma liga amaldiçoou Henrique IV, um burguês gravou as insígnias da sua *noblesse de cloches*², glória de uma vereação esquecida. Aí está gravada toda a história de França. Ao lado da casa trémula, com lanços de gesso ou barro preenchendo os espaços entre as traves do vigamento onde o artesão deificou a sua plaina, eleva-se a casa de um fidalgo, onde, em plena curva interior do arco em pedra da porta, ainda se distinguem alguns vestígios dos seus brasões de armas, quebrados pelas diversas revoluções que agitaram o país desde 1789³. Nessa rua, os rés do chão dos comerciantes não são nem butiques nem lojas, e nela os amigos da Idade Média redescobririam os antigos ateliês, locais de trabalho em comum dos nossos pais, em toda a sua simplicidade inocente. Essas salas baixas, sem fachada, montra ou vidraças, são profundas, escuras e desprovidas de ornamentos exteriores ou interiores. A sua porta abre-se em duas partes plenas, ferradas grosseiramente, a superior dobrando-se para dentro e a inferior, com uma sineta de mola, num vaivém contínuo. O ar e a claridade do dia entram nessa espécie de antro húmido ora pelo alto da porta, ora pelo espaço entre a abóbada, o teto e o pequeno balcão à altura do peito onde se encaixam portadas sólidas, retiradas de manhã, repostas e fechadas à noite com barras de ferro aparafusadas. Esse balcão serve para exhibir as mercadorias do comerciante. Aí, não há qualquer charlatanismo. Consoante a natureza do comércio, as amostras consistem em duas ou três selhas repletas de sal e bacalhau, alguns fardos de tela para vela, cordagens, latão suspenso das vigas do teto, argolas ao longo das paredes ou algumas peças de pano nas prateleiras. Quereis entrar? Uma rapariga bem arranjada, de juventude airosa, xaile branco, braços avermelhados, deixa o tricô, chama o pai ou a mãe, que aparece e vende o que lhe pedirdes, de modo flegmático, indulgente ou arrogante, consoante o seu carácter, seja por dois soldos ou por vinte mil francos de mercadoria. Vereis

um vendedor de pranchas de carvalho ou de castanheiro destinadas à tanoaria sentado à sua porta, sem fazer nada, conversando com um vizinho; aparentemente tem apenas pranchas más para os tonéis e dois ou três montes de ripas, mas no porto, o seu estaleiro, pleno, fornece todos os tanoeiros de Anjou; ele sabe, mais prancha menos prancha, quantos tonéis *pode* obter se a colheita for boa; um tempo soalheiro enriquece-o, um tempo de chuva arruína-o: só numa manhã, os *poinçons*⁴ valem onze francos ou descem até às seis libras⁵. Nessa região, como na região de Touraine, as vicissitudes do tempo dominam a vida comercial. Vinhateiros, proprietários, comerciantes de madeira, tanoeiros, estalajadeiros, bateiros, todos estão à espreita de um raio de sol; tremem ao deitar, só de pensar se na manhã seguinte ficarão a saber que gelou toda a noite; temem a chuva, o vento, a seca, querem água, calor, nuvens, ao sabor da sua fantasia. Há um duelo constante entre o céu e os interesses terrestres. O barómetro ora reforça ora desanuvia as rugas, alegra as fisionomias. De uma ponta à outra dessa rua, a antiga Rua Grande de Saumur, as palavras «mas que joia de tempo!» ouvem-se de porta em porta, e cada um responde ao vizinho: «chovem luíses», sabendo o que lhe traz um raio de sol ou uma chuva oportuna. No sábado, por volta do meio-dia, na bela estação, não conseguireis nem um soldo de mercadoria junto desses corajosos industriais⁶. Cada um tem a sua vinha, a sua pequena quinta, e vai passar dois dias ao campo. Aí, como tudo está previsto, a compra, a venda, o lucro, os comerciantes passam dez em cada doze horas em jogos divertidos, observações, comentários, espionagens contínuas. Uma dona de casa não compra uma perdiz sem que os vizinhos perguntem ao marido se ela estava bem cozida. Uma rapariga não leva a cabeça à janela sem ser vista por todos os grupos ociosos. Aí, portanto, as consciências estão em dia, tal como essas casas impenetráveis, escuras e silenciosas não oferecem qualquer mistério. A vida desenrola-se quase sempre ao ar livre: cada família senta-se à porta de casa, onde almoça, janta e discute. Ninguém passa na rua sem ser estudado. Deste modo, quando um estrangeiro chegava outrora a uma cidade da província, era troçado de porta em porta. Daí, as belas histórias, a alcunha de *copiosos*⁷, atribuída aos habitantes de Angers que se esmeravam nessas chacotas urbanas. Os antigos palacetes da velha cidade situam-se no alto

dessa rua, outrora habitada pelos fidalgos da região. A casa plena de melancolia onde se desenrolaram os acontecimentos desta história era precisamente uma dessas habitações, restos veneráveis de um século em que as coisas e os homens tinham aquele cunho de simplicidade que os costumes franceses vão perdendo de dia para dia. Depois de terdes seguido os desvios desse caminho pitoresco onde os menores acidentes despertam lembranças, e cujo efeito geral tende a mergulhar-vos numa espécie de devaneio automático, vereis uma reentrância bastante sombria, no centro da qual está dissimulada a porta da «casa do Sr. Grandet». É impossível compreender o alcance deste termo provincial sem fornecer a biografia do Sr. Grandet.

O Sr. Grandet desfrutava em Saumur de uma reputação cujas causas e cujos efeitos não serão inteiramente compreendidos pelas pessoas que nem pouco mais ou menos viveram na província. Em 1789, o Sr. Grandet, ainda chamado por certas pessoas de «pai Grandet», embora o número desses idosos diminuísse sensivelmente, era um mestre-tanoeiro desafogado que sabia ler, escrever e contar. Logo que a República Francesa pôs à venda os bens do clero na região de Saumur, o tanoeiro, então com quarenta anos, acabara de desposar a filha de um rico comerciante de pranchas. Grandet, munido da sua fortuna líquida, com o dote e dois mil luíses de ouro, dirigiu-se à administração distrital, onde, mediante duzentos luíses duplos⁸, oferecidos pelo seu sogro ao cioso republicano que controlava a venda dos domínios nacionais, obteve, por uma ninharia, legalmente, se não legitimamente, as vinhas mais belas da circunscrição, uma velha abadia e algumas quintas em parceria. Sendo os habitantes de Saumur pouco revolucionários, o pai Grandet passou por um homem corajoso, um republicano, um patriota, um espírito que abraçava ideias novas, quando o tanoeiro cuidava muito simplesmente das suas vinhas. Foi nomeado membro da administração do distrito de Saumur, onde a sua influência pacífica se fez sentir política e comercialmente. Politicamente, protegeu os acima citados e impediu, com todo o seu poder, a venda dos bens dos emigrantes; comercialmente, forneceu aos exércitos republicanos um ou dois milhares de unidades de vinho branco, e fez-se pagar com prados soberbos dependentes de uma comunidade de mulheres, reservados para um derradeiro lote. Sob o Consulado, tornou-se presidente da câmara, administrou

sabiamente e vindimou ainda melhor; sob o Império, passou a ser o Sr. Grandet. Napoleão não gostava dos republicanos: substituiu o Sr. Grandet, que, segundo diziam, teria usado o barrete vermelho, por um grande proprietário, um homem da nobreza, um futuro barão do Império. O Sr. Grandet abandonou as honras municipais sem quaisquer saudades. No interesse da cidade, mandara construir troços excelentes que levavam às suas propriedades. A sua casa e os seus bens, muito vantajosamente cadastrados, pagavam impostos moderados. Após a classificação das suas diferentes quintas delimitadas por cercas, as suas vinhas, graças a cuidados constantes, tinham chegado à cabeça da região, termo técnico para designar aqueles que produziam vinho de primeira qualidade. Teria podido pedir a Cruz da Legião de Honra. Este acontecimento ocorreu em 1806. Nessa altura, o Sr. Grandet tinha cinquenta e sete anos e a sua esposa cerca de trinta e seis. Uma filha única, fruto dos seus amores legítimos, tinha dez anos. Durante esse ano, o Sr. Grandet, que a Providência quis sem dúvida consolar da sua desgraça administrativa, herdou sucessivamente da Sr.^a La Gaudinière, com o nome de solteira La Bertellière, mãe da Sr.^a Grandet; depois, do velho Sr. La Bertellière, pai da defunta, e, por fim, da Sr.^a Gentillet, a avó do lado materno: três heranças cuja importância ninguém conheceu. A avareza desses três idosos era tanta que amontoavam há muito as suas moedas para poderem contemplá-las secretamente. O velho Sr. La Bertellière chamava prodigalidade a um investimento, encontrando maior interesse no brilho do ouro do que nos benefícios decorrentes dos juros dos seus empréstimos. Por conseguinte, a cidade de Saumur presumiu o valor das economias de acordo com as receitas dos bens ao ar livre. O Sr. Grandet obteve então o novo título de nobreza que a nossa mania da igualdade nunca extinguirá, tornando-se aquele que *mais impostos* pagava na circunscrição. Explorava cem jeiras de vinhas que, nos anos frutuosos, lhe forneciam setecentos a oitocentos *poinçons* de vinho. Possuía treze quintas de parceria, uma velha abadia, onde, por economia, murara cruzeiros⁹, ogivas e vitrais, o que os conservou, e vinte e sete jeiras de prados, onde cresciam e engrossavam três mil choupos plantados em 1793. Por fim, era proprietário da casa onde morava. Assim se estimava a sua fortuna visível. Quanto aos seus capitais, apenas duas pessoas podiam